

GREEN, Adam Isaiah (Ed.). *Sexual Fields: Towards a sociology of collective sexual life*. Chicago: Chicago University Press, pgs. 2014. 217

*Marcelo Augusto de Almeida Teixeira**

A Teoria dos Campos, de Pierre Bourdieu, poderia contribuir para o estudo das sexualidades contemporâneas por uma perspectiva sociológica? Por sua vez, estudar as sexualidades enriqueceria a teoria bourdiesiana? São questões postas nos artigos da coletânea “Sexual Fields: Towards a sociology of collective sexual life”, editada pelo sociólogo Adam Isaiah Green. Em comum aos artigos, a teoria dos “campos sexuais”: matrizes relativamente autônomas de relações e preferências eróticas em dado espaço e tempo, com suas próprias normas de julgamento e aceitação, que estruturariam os desejos, práticas e subjetividades sexuais de seus participantes, ao mesmo tempo em que são estruturadas por estes. Enfatizam-se então os aspectos coletivos dos desejos eróticos e das identidades sexuais, que seriam construídos pelos indivíduos em suas interações com outros, acentuando as interseções entre sexualidades, cultura, individualidade e estruturas sociais. A teoria dos campos sexuais tenta articular o construcionismo social com o suposto individualismo irredutível da atração sexual, ao entender que ao mesmo tempo em que o desejo erótico é construído coletivamente, também estrutura relações sociais.

Duas premissas são observadas durante a leitura: a primeira, reconhecimento da crescente autonomização da sexualidade na sociedade moderna e dos impactos sobre a vida sexual coletiva. A partir de processos macro-estruturais,

* Professor do Centro Universitário (UDF) – Brasília. Doutorando em Sociologia pela Universidade de Brasília (UNB), Brasília, Distrito Federal, Brasil. Email: marceloalmeidaarquiteto@gmail.com.

(por exemplo, o avanço do Capitalismo) a vida sexual coletiva produziria sua própria organização, suas hierarquias e princípios reguladores, se atomizando em mundos eróticos cada vez mais especializados, impondo desafios aos indivíduos em suas buscas por parcerias sexuais e em suas inserções dentro destes átomos de imaginários, desejos, práticas e identidades sexuais. A segunda premissa: o pressuposto de que a atração erótica seria ao mesmo tempo construída individualmente e socialmente, por meio de compartilhamentos coletivos de formas de atração sexual. Estes compartilhamentos tanto refletiriam quanto produziriam desejos específicos de distintos grupos, criando mundos eróticos nos quais os grupos encontrariam possibilidades de parcerias afetivo-sexuais e também socializariam os próprios objetos de desejo. Assim, a vida sexual coletiva tanto seria conformada em níveis micro (o corpo, o desejo erótico individual) quanto macro (mudanças sociais, tecnológicas, econômicas) e ainda perpassada por categorias como classe social, raça, gênero, orientação sexual e localização espacial.

Iniciando, Green apresenta contribuições do pensamento de Bourdieu e conceitos basilares para fundamentar a teoria dos campos sexuais. Ao entender a sexualidade contemporânea como resultado da autonomia de diferentes mundos eróticos, Green enxerga nos campos de Bourdieu arcabouço teórico útil e a tríade *habitus*, campos e capital como válida para o estudo das sexualidades contemporâneas. Assim como os campos bourdieusianos seriam arenas socialmente construídas com diversos graus de especialização, sobre as quais diversos princípios reguladores são sobrepostos ao mesmo tempo em que conformam posicionamentos de indivíduos dentro de dado espaço social, os campos sexuais também apresentariam especializações e distinções socialmente construídas de critérios de “desejabilidade” sob os quais indivíduos seriam posicionados. Nos campos sexuais os desejos são construídos coletivamente, formando “estruturas de desejo” que tanto são estruturadas por desejos individuais, quanto os estruturam. Ainda, os indivíduos são posicionados nestas estruturas de desejo de acordo com seu “capital sexual”, que seriam atributos que, ao mesmo tempo em que são corporificados

pelos indivíduos, são propriedades de dado campo sexual: os atores sociais são assim conformados tanto corporalmente quanto subjetivamente pelos campos, que por sua vez são conformados pelos corpos e subjetividades dos indivíduos. Desta maneira, nossas vidas sexuais coletivas tanto carregam nossas idiossincrasias individuais, quanto marcas das sociedades nas quais acontecem.

Green considera que os campos sexuais surgem ancorados no espaço, físico ou virtual, quando corpos procuram outros objetivando parcerias sexuais de acordo com uma lógica de desejo estruturada por idiossincrasias eróticas. Já o capital sexual seria constituído ao longo de três eixos: a aparência corporal, formas de afeto e estilo sociocultural. O primeiro indica corpos apreciados em dado campo; o segundo, formas valorizadas de afeto e interação entre os corpos e o terceiro a consideração de vestuários, posturas corporais, signos de classe social ou de subculturas. A combinação dos três eixos conformaria “moedas de capital erótico”, com a possibilidade da constituição de um “portfólio de capital erótico” ao longo de outros dois eixos: o do capital sexual e o do capital econômico-cultural. Este portfólio depende dos campos sexuais, nos quais os capitais serão valorizados diferentemente.

O habitus erótico é apresentado como uma construção a partir de predisposições do indivíduo em favor de específicas formas de parcerias e/ou subculturas sexuais. Estas predisposições individuais moldariam e condicionariam os atores em suas vidas íntimas, sendo aperfeiçoadas e internalizadas durante as interações dentro dos campos com suas estruturas de desejo. O habitus então se relaciona com a atração erótica que (ainda que subjetiva e individual) é socialmente construída em processos de socialização, imitação, assimilação e internalização pelos indivíduos, que poderiam ocorrer em dois níveis: como ato deliberado de aprendizagem das lógicas inerentes e/ou como internalização inconsciente das estruturas de desejo no habitus erótico, ambas tornando-se disposições independentes do próprio campo. Dessa maneira, o campo sexual surge por meio de processos sociais, nos quais desejos eróticos preexistentes são consolidados, socializados, praticados, aprendidos e transmitidos.

Para Green, a análise de um campo sexual deve ser acompanhada por estudos empíricos capazes de identificar os efeitos de suas estruturas de desejo, com quatro possíveis níveis de análise e suas combinações: o intrapsíquico (analisar de que formas o indivíduo desenvolve desejos eróticos por específicos corpos, contextos e interações, objetivando compreender a interface entre o indivíduo e a vida coletiva); o nível micro, (que seriam as interações que representam estruturações sociais; o nível meso, onde a estrutura sócio-sexual deve ser entendida em conjunto com possíveis configurações sócio-espaciais) e, por fim, o macro (onde se busca analisar processos políticos, sociais, econômicos, espaciais que porventura impactariam o desejo individual e coletivo). Estes níveis visam permitir ao pesquisador analisar sociologicamente o desejo sexual, a conformação de comunidades e identidades sexuais, fornecendo ferramentas empíricas e teóricas úteis.

Os demais artigos reforçam os conceitos basilares da teoria dos campos sexuais com contribuições relevantes: Weinberg & Williams, por meio do conceito de “corporificação sexual”, observam as implicações da corporificação do capital sexual por mulheres transexuais. No artigo de Peter Hennen, o autor problematiza o relacionamento temporal/histórico entre a formação de campos sexuais e específicas formas de capital sexual, resistência, poder e hierarquias. Em seguida, Matt Georges analisa as similaridades e divergências entre o pensamento de Bourdieu e Michel Foucault e como a obra do primeiro se endereçou à sexualidade. A conclusão de que o lócus social dos indivíduos influencia nas suas vidas sexuais coletivas, na percepção de si mesmos e dos outros participantes é apontada por Barry D. Adam e Adam Isaiah Green. O posicionamento do indivíduo no espaço (social e físico) é o tema do artigo de James Farrer e de Sonja Dale, onde analisam as “zonas de contatos etnosexuais” como campos de luta por status, reconhecimento, afeto entre diferentes grupos raciais, étnicos e nacionais. No último artigo, Jonh Levi Martin aponta para as possibilidades que o estudo dos campos sexuais apresenta para a própria teoria dos campos, sugerindo atitudes críticas e metodológicas. Recomenda recorrer a diversos métodos

para obtenção de dados, desde base biológica, estatística até experimental, para entender a formação dos campos, aliados com a observação participativa, o que considera fundamental. Para o autor, a teoria dos campos é um promissor caminho em direção a estudos mais sistematizados da interação humana, combinando o rigor, sistematicidade e reflexividade das ciências sociais com subjetividades da fenomenologia.

A teoria dos campos sexuais apresenta-se como ferramenta útil para os pesquisadores interessados sociologicamente na interação sexual humana. Entender o desejo erótico e a atração sexual como socialmente construídos, considerando as implicações fenomenológicas (tanto espaciais quanto as da interação face a face) na formulação dos desejos e na coletivização destes, aproxima as abordagens essencialistas e as construcionistas da sexualidade humana. Ao fornecer possíveis ferramentas metodológicas e teóricas, a teoria dos campos nos permite ver para além tanto das abstrações discursivas acerca da sexualidade quanto do determinismo biológico e químico. Desta forma, podemos também ir além das informações “objetivas” categorizantes da sexualidade humana que sociólogos criaram (FAUSTO-STERLING, 2000: 252) e entender que nossos desejos mais íntimos, nossos corpos mais desejados, nossas vontades mais viscerais ocorrem em um continuum desde nossas células, passando pelos nossos organismos, psique, interações pessoais, até processos culturais, históricos e econômicos e vice versa.

Bibliografia

FAUSTO-STERLING, A. *Sexing the body: Gender politics and the construction of sexuality*. Nova York: Basic Book, 2000.

Recebido em: 13/04/2014.

Aprovado em: 15/08/2014.

